

Conferencing Handbook

REALJUSTICE.

THE NEW REAL JUSTICE TRAINING MANUAL

Terry O'Connell

Ben Wachtel

Ted Wachtel

The new Real Justice training manual
Pensilvânia: The Piper's Press, 1999.
Tradução privada de Márcia Gama – Espaço Família Recife

SOBRE ESTE MANUAL

Este manual é um guia de procedimentos para facilitar as Conferências (**encontros**) do modelo *Real Justice*. Ele focaliza os incidentes de malfeitos menores, a grande maioria das ofensas. Este manual não vai, por si mesmo, preparar os leitores a facilitar a conferência em casos de ofensas mais sérias envolvendo danos graves às vítimas.

O Instituto Real Justice provê treinamento usando este manual como um recurso. Entretanto, o manual está disponível para qualquer um, e seu uso num treinamento não significa que o Instituto Real Justice está relacionado ao treinamento.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem às seguintes pessoas e programas de conferências por nos permitirem obter amostras de sua literatura e formas a serem usadas neste manual:

- Gena Gerard e a Parceria da Comunidade Central da Cidade, Minneapolis, Minnesota
- Kay Whelan e Hawke's Bay Restorative Justice Te Puna Wai Ora, Inc., Hastings, New Zealand
- David Hines e o Departamento de Polícia de Woodbury, Woodbury, Minnesota
- Lawrie Paarker, Vickie Shoap e o Centro de Resolução de Disputas de Piedmont, Warrenton, Virginia
- Glenn Kummery, Bruce Taylor e a Escola Distrital Central Bucks, Doylestown, Pennsylvania

CONTEÚDO

CAPÍTULO 1	– O roteiro
CAPÍTULO 2	– Quando realizar uma conferência
CAPÍTULO 3	– Preparação da conferência
CAPÍTULO 4	– Realizando a conferência
CAPÍTULO 5	– Estabelecendo um Programa de Conferências
CAPÍTULO 6	– Práticas Restaurativas – Além da conferência formal

Referências:

APÊNDICE I	– Folhas de Observação e de Dados da Conferência
APÊNDICE II	– Exemplos de literatura de Programas de Conferências
APÊNDICE III	– Notas do Treinamento do Facilitador e Agenda do Treinamento

FIGURAS

FIG. 1	– As nove afeições
FIG. 2	– O compasso da vergonha
FIG. 3	– Guia de Assentos na Conferência
FIG. 4	– Plano de Assentos na Conferência
FIG. 5	– Diagrama grande da conferência
FIG. 6	– Continuum Punitivo-Permissivo
FIG. 7	– Janela de Controle Social
FIG. 8	– Continuum das Práticas Restaurativas

DOCUMENTOS

Roteiro do Facilitador de Conferência
Lista de Verificação da Preparação do Facilitador ...
Folha de Observação da Conferência
Folha de Dados da Conferência
Folha de Dados do Participante
Exemplos de literatura de Programa de Conferência
Notas do Treinamento de Facilitador
Agenda do Treinamento de Dois Dias

CAPÍTULO 1 : O Roteiro

Uma conferência é um fórum onde as pessoas lidam com malfeitos e conflitos. Todos os participantes podem falar, expressar seus sentimentos e, mais importante, têm voz no resultado. Uma conferência é uma experiência democrática na qual aqueles mais afetados por um problema decidem como responder a ele.

O facilitador da conferência coloca os participantes juntos, cria um ambiente seguro e acolhedor, mantém o foco do processo e registra as decisões do grupo. O facilitador de conferência não pode tomar ou influenciar decisões, mas deixa os participantes expressarem a si mesmos e encontrarem suas próprias criativas soluções. Os melhores facilitadores de conferência guiam o processo, mas permanecem nos bastidores. Eles encorajam, mas não controlam nem ditam.

O roteiro é o coração da conferência. É uma amostra, uma ferramenta confiável que permite ao facilitador realizar uma conferência bem-sucedida sem treinamento extensivo em Mediação e Aconselhamento. Primeiro o roteiro prescreve uma série de questões abertas que encorajam as pessoas a responderem “afetivamente”, isto é, para expressarem como foram afetadas pela ocorrência que as trouxe ali. Em seguida o roteiro provê aos participantes uma oportunidade para trocarem ideias, desenvolverem planos para responderem ao conflito ou malfeito, e reparar o dano resultante. Finalmente, o roteiro convida os participantes para um encontro informal, pós-conferência, quando é servido um lanche e os participantes misturam-se e conversam.

Por favor leia o roteiro de conferência nas próximas três páginas (Os facilitadores podem copiar este roteiro para seu uso quando da realização de conferências).

ROTEIRO DO FACILITADOR DE CONFERÊNCIA

1. Preâmbulo

“Bem-vindos. Como vocês sabem, meu nome é e eu vou facilitar esta conferência.”

Agora introduza cada participante da conferência e estabeleça seu relacionamento com o ofensor e/ou a vítima.

“Agradeço a todos por virem. Eu sei que isso é difícil para todos vocês, mas sua presença nos ajudará a lidar com este assunto que os reuniu. Esta é uma oportunidade para todos vocês se envolverem na reparação do dano que foi causado.”

“Esta conferência irá focalizar o incidente que aconteceu (mencionar a data, local e a natureza

da ofensa sem maiores elaborações). **É importante compreender que vamos focalizar no que (nome do ofensor) fez e como este comportamento afetou os outros. Não estamos aqui para decidir se (nome do ofensor) é bom ou mau. Nós queremos explorar de que modo as pessoas foram afetadas e esperançosamente trabalhar para reparar o dano que foi causado. Todos entenderam isso?"**

“(nome do ofensor) **admitiu sua parte no incidente.**”

Diga ao(s) ofensor(es): **Devo lhe(s) dizer que você(s) não têm que participar desta conferência e são livres para deixá-la a qualquer tempo, como qualquer outro. Se você se retirar, o assunto poderá ser encaminhado à corte/submetido ao regulamento disciplinar da escola/ou enfrentado por outros meios.**”

“Este assunto, entretanto, poderá ser encerrado se você participar de uma maneira positiva e se comprometer com o acordo final da conferência.”

Diga ao(s) ofensor(es): **Você(s) entendeu(ram) ?**

2. Ofensor(es)

“Vamos começar com (nome do ofensor ou de um dos ofensores).”

Se há mais de um ofensor, cada um tem que responder a cada uma das seguintes perguntas:

- **O que aconteceu?**
- **O que você estava pensando na ocasião?**
- **O que tem pensado sobre isso desde então?**
- **Quem você pensa que foi afetado pelas suas ações?**
- **Como eles teriam sido afetados?**

3. Vítima(s)

Se há mais de uma vítima, cada uma tem que responder a cada uma das seguintes perguntas:

- **Qual foi sua reação na ocasião do incidente?**
- **Como você se sentiu com o que aconteceu?**
- **Qual tem sido a coisa mais difícil para você?**
- **Como sua família e amigos reagiram quando ouviram sobre o incidente?**

4. Apoiadores da(s) vítima(s)

Cada um deve responder às seguintes questões:

- **O que você pensou quando soube do incidente?**
- **Como você se sentiu com o que aconteceu?**
- **Qual tem sido a coisa mais difícil para você?**
- **Quais você considera que são os resultados mais importantes?**

5. Apoiadores do(s) ofensor(es)

Perguntar aos pais ou responsáveis: **Isso tem sido difícil para vocês, não? Gostariam de nos falar a respeito?**

Cada um deve responder às seguintes questões:

- **O que você pensou quando soube do incidente?**
- **Como você se sentiu com o que aconteceu?**
- **Qual tem sido a coisa mais difícil para você?**
- **Quais você considera que são os resultados mais importantes?**

6. Ofensor(es)

Perguntar ao(s) ofensor(es): **“Há alguma coisa que queira(m) falar neste momento?”**

7. Alcançando um acordo

Pergunte à(s) vítima(s) : **O que gostaria de obter do encontro de hoje?**

Peça ao(s) ofensor(es) para responderem ao que a(s) vítima(s) disser(em).

Neste ponto, os participantes discutem o que poderia constar do acordo final. Solicite comentários dos participantes.

É importante que você peça ao(s) ofensor(es) para responderem a cada sugestão dada antes do grupo passar à questão seguinte, perguntando: **“O que você acha disso?”** Esclareça então se o(s) ofensor(es) estão de acordo, antes de ir adiante. Permita negociações.

Enquanto o acordo se desenvolve, esclareça cada item e o escreva num documento o mais específico possível, incluindo detalhes, prazos e modos de acompanhamento.

Quando você sentir que a discussão do acordo está chegando ao fim, diga aos participantes: **“Antes de preparar a redação do acordo, gostaria de me certificar de que registrei adequadamente o que foi decidido.”**

Leia os itens do acordo em voz alta e obtenha a confirmação dos participantes. Faça as correções por acaso existentes.

8. Fechando a conferência

“Antes de encerrar formalmente esta conferência, eu gostaria de dar a cada um a oportunidade final de falar. Há algo que alguém ainda queira dizer?”

Permita aos participantes responderem e quando o fizerem, diga:

“Obrigada por suas contribuições ao lidar com esse difícil assunto. Parabéns pelo modo como trabalharam através desse tema. Por favor sirvam-se de um lanche enquanto eu preparo o acordo”.

Propicie aos participantes tempo suficiente para um lanche e a interação. O tempo informal após a conferência formal é muito importante.

As origens do roteiro

O roteiro para conferência teve origem com um dos autores deste manual, Terry O'Connell, um sargento da Polícia Comunitária de Wagga Wagga, New South Wales (Nova Gales do Sul),

Austrália, em 1991.

As conferências começaram dois anos antes, na Nova Zelândia, como parte do Ato (Lei) pelas Crianças, Jovens e Famílias, de 1989. Essa lei surgiu do descontentamento entre os Maori, o povo indígena da Nova Zelândia, com o jeito com que as cortes lidavam com seus jovens em questões criminais e de bem-estar social. Após designar comissão para estudar o problema, o governo decidiu que uma ampla faixa de ofensas na justiça juvenil e casos do bem-estar das crianças poderiam ser abordados através de um processo chamado “Conferência de Grupo Familiar”. Em vez de irem para a corte de justiça, o governo poderia reunir a família estendida de uma criança ou jovem para desenvolverem um plano para responder ao problema. Embora os novos procedimentos se apliquem a todas as crianças e jovens da Nova Zelândia, eles refletem a tradição Maori em que a família e a comunidade dos indivíduos deveriam ser diretamente envolvidos em qualquer resposta ao malfeito e ao conflito, uma prática típica da maioria dos povos aborígenes e indígenas.

A ousada experiência neozelandesa em dar às famílias o poder de assumirem maior responsabilidade por suas próprias crianças influenciou a filosofia e a prática dos assistentes sociais e profissionais da justiça criminal em todo o mundo. Dentre aqueles influenciados estava Terry O'Connell, que estava trabalhando com um comitê local de cidadãos em Wagga Wagga para desenvolver novas respostas à criminalidade juvenil. Após explorar a idéia, o grupo de cidadãos decidiu implementar o modelo de conferência em sua comunidade.

Sem nunca ter visto uma conferência de verdade, O'Connell improvisou. Ele tomou emprestado o conceito e manteve o nome de “Conferência de Grupo Familiar”, mas mudou substancialmente o procedimento quando o adaptou como uma resposta da polícia comunitária às ofensas juvenis. Ter um policial como facilitador da conferência, em vez de um assistente social, foi o que o distinguiu da abordagem da Nova Zelândia. O'Connell também escreveu um roteiro para o facilitador seguir, que simplificou a condução das conferências e ajudou a assegurar um resultado confiável.

O modelo Wagga Wagga de conferência também dava às famílias e amigos das vítimas a chance de se envolverem, ao contrário do processo neozelandês original. Desde então a Nova Zelândia mudou sua legislação para prover aos apoiadores da vítima um papel nas conferências de Grupos Familiares nos casos criminais. Outra diferença significativa foi que a legislação Neozelandesa prescreve uma oportunidade para a família da criança fazer um “caucus”, isto é, se encontram separadamente somente com os membros da família presentes, excluindo os assistentes sociais, polícia ou outros de estarem na sala. Os representantes do governo podem subsequentemente invalidar a decisão da família, mas somente se o plano de ação for julgado “impraticável ou inconsistente com os princípios” da legislação. O “caucus” não é parte do processo de conferência roteirizado por O'Connell.

O modelo de conferência Wagga Wagga foi cuidadosamente arranjado para um encontro emocional entre os jovens ofensores, suas vítimas e seus respectivos amigos e parentes, o que resulta normalmente num plano escrito para reparar o dano causado pela ofensa. Quando as vítimas e outros participantes da conferência começam a cantar os louvores à conferência, a prática se espalha. A imprensa australiana começou falando das conferências de grupos familiares. Os educadores Australianos começaram usando o processo com incidentes de má conduta escolar em 1994. Os jovens ofensores, se concordaram em participar, tiveram seus casos retirados da justiça comum ou dos conselhos disciplinares da escola.

Em 1994 a Confraria Winston Churchill propiciou a O'Connell viajar e falar com outros sobre seu trabalho com as conferências de grupos familiares, que foram tomando nomes variados, incluindo “Conferência Comunitária de Responsabilização”, “Conferência de redirecionamento”, ou simplesmente “Conferência”. Sua viagem fomentou a adoção de conferências pela polícia e outros, nos Estados Unidos, Canadá e no Reino Unido.

Durante esta viagem, Ted Wachtel, um co-autor deste manual, ouviu O'Connell falar num almoço no Tribunal Juvenil do condado de Bucks, em Doylestown, Pennsylvania. Wachtel é o Diretor Executivo da Fundação de Serviço Comunitário, uma agência sem fins lucrativos que oferece aconselhamento, educação e atendimento residencial para jovens delinqüentes ou em conflito no sudeste da Pennsylvania. Após ouvir a fala de O'Connell, Wachtel decidiu fundar a Real Justice, um programa internacional sem fins lucrativos, dedicado a fomentar o uso de conferências no modelo roteirizado e práticas restaurativas relacionadas, através do mundo.

Variações do roteiro

Quando o Real Justice começou, em 1994, as conferências abordavam somente ofensas juvenis e assuntos de disciplina escolar. A conferência agora é usada para uma ampla faixa de ofensas nas comunidades, escolas, campus universitários, instituições e locais de trabalho. O roteiro apresentado neste capítulo é especificamente para conferências que lidem com ofensas criminais e incidentes de malfeitos onde os ofensores admitiram responsabilidade pela ação e há vítima identificável.

A conferência também pode ser feita para gazeta, posse de drogas e outras ofensas “sem vítima”, violação de condicional ou de compromisso, e conflitos interpessoais. Pode algumas vezes ser usada quando a responsabilidade por uma ofensa não está clara, mas as partes afetadas querem participar de uma conferência. Este manual focaliza a conferência para incidentes envolvendo vítimas e ofensores distintos, mas o roteiro da conferência e a preparação podem ser modificados para atender a outros tipos de ofensas, conflitos e situações. Algumas vezes familiares e amigos de ofensores estão embaraçados e preocupados com as ações do ofensor e consequentemente vitimizados indiretamente. A literatura do Programa de Conferência do Centro de Resolução de Disputas de Piedmont, em Warrenton, Virgínia, nas páginas 141 a 145, sugere como o processo e o roteiro de conferência pode ser adotado para responder a gazeta escolar ou ofensas sem vítimas.

Teoria do Afeto de Silvan Tomkins

A teoria psicológica do afeto humano, de Silvan Tomkins, tal como articulada por Donald Nathanson (1992), ajuda a explicar porque a conferência roteirizada é tão efetiva.

A conferência encoraja a livre expressão do afeto, a base biológica da emoção e do sentimento. A conferência permite a expressão de sentimentos verdadeiros, enquanto minimiza os afetos negativos e maximiza os afetos positivos. Na Teoria de Tomkins, esse tipo de ambiente é a estrutura ideal para relacionamentos humanos saudáveis.

O roteiro da conferência usa perguntas abertas-fechadas que encorajam a exibição de todos os nove afetos básicos (veja Figura 1 na página ...) que Tomkins identificou como existentes em todo ser humano. Tomkins apresentou a maioria dos afetos como pares de palavras hifenizadas que nomeiam a menor e a maior expressão daquele afeto. Quando começa uma conferência, as pessoas estão sentindo desgosto, 'dissmell' (que se originou biologicamente como uma resposta ao odor ofensivo), raiva-ódio, aflição-angústia, medo-terror e vergonha-humilhação. Esses seis afetos negativos são os mais prevalentes quando os participantes entram na sala da conferência e se sentam nervosamente quando a conferência começa.

Quando os participantes respondem às perguntas do roteiro, eles podem expressar qualquer um ou todos esses afetos ou sentimentos negativos. Raiva, aflição, medo e vergonha diminuem através da partilha. Sua expressão ajuda a reduzir sua intensidade.

Quando a conferência prossegue as pessoas experimentam uma transição caracterizada pelo afeto neutro de surpresa-susto. As vítimas, os ofensores e seus apoiadores são geralmente surpreendidos pelo que as pessoas dizem na conferência e como eles começam a se sentir melhor. Quando a conferência alcança a fase do acordo, os participantes estão geralmente expressando os afetos positivos de interesse-excitação e prazer-alegria.

As pessoas reconhecem os afetos vistos na face dos outros e tendem a responder com o mesmo afeto. Quando alguém está com raiva, os outros ficam também. Tomkins chamou isso de “ressonância afetiva” ou empatia. Através da ressonância afetiva, os participantes da conferência fazem uma jornada emocional juntos, sentindo os sentimentos uns dos outros quando eles passam da raiva e aflição e vergonha para interesse e prazer.

O facilitador prospectivo da conferência pode se sentir confortável sabendo que a Teoria dos Afetos de Tomkins é confiavelmente demonstrada pelo processo de conferência roteirizada. As pessoas se movem consistentemente dos sentimentos negativos aos positivos no ambiente seguro e estruturado criado pelo roteiro.

Vergonha Reintegrativa

Tomkins nos ensina que a vergonha é um afeto básico que ocorre espontaneamente em todos os seres humanos quando confrontados com seu malfeito. John Braithwaite, em *Crime, Vergonha e Reintegração* (1989) adverte que a experiência de lidar com a vergonha pode ser reintegrativa, não estigmatizante.

A teoria sociológica de Braithwaite da “vergonha reintegrativa” sugere que as estratégias atuais da sociedade ocidental para responder ao crime e malfeito pode realmente estar fazendo mais mal do que bem. As escolas e as cortes punem e humilham os ofensores sem oferecerem um meio de reparação, corrigir o erro ou mudar seu “rótulo” de ofensor. Em vez disso, os ofensores são estigmatizados, segregados e empurrados para dentro das crescentes subculturas negativas da sociedade. Eles se juntam aos outros em sua escola ou comunidade que se sentem excluídos da 'nata' e se tornam uma persistente fonte de problemas.

Braithwaite diz que as sociedades que reintegram os ofensores de volta a suas comunidades têm taxa de criminalidade menor que aquelas que estigmatizam e afastam os malfeitores. A reintegração envolve separar a *ação* do *agente* de modo que a sociedade desaprove claramente o crime ou o mal comportamento, mas reconheça o valor intrínseco do indivíduo. O roteiro da conferência enfatiza essa distinção estabelecendo que: “É importante compreender que vamos focalizar aquilo que (nome do ofensor) fez e o quanto esse inaceitável comportamento afetou os outros. Não estamos aqui para decidir se ... (nome do ofensor) é bom ou mau.”

De várias maneiras, o roteiro da conferência ajuda os ofensores a se moverem para além de sua vergonha em direção à reintegração. O roteiro provê uma oportunidade aos ofensores de assumirem responsabilidade pelo seu comportamento e se desculparem. Na fase do acordo da conferência, os ofensores podem definir passos específicos para reparar o dano e mostrar boa fé, como por exemplo, indenizando e fazendo trabalho comunitário. Finalmente, a interação social informal após os intensos procedimentos dá aos participantes um sentido de alívio e lhes permite interagirem um a um. As vítimas e os ofensores e seus respectivos apoiadores geralmente fazem gestos de reconciliação durante este período, conversando, compartilhando o lanche, apertando-se as mãos e algumas vezes mesmo se abraçando.

O COMPASSO DA VERGONHA DE NATHANSON

O Compasso da Vergonha de Donald Nathanson esclarece como as pessoas reagem a e expressam a sua vergonha. (veja figura 2 na página...) . Elas geralmente reagem com uma ou mais dos quatro padrões gerais ou “roteiros” que Nathanson descreve como direções sobre um compasso: *atacar o outro, atacar a si mesmo, retirar-se ou fugir*.

Quando os pais ou sua criança ofensora acusam e criticam a escola ou o policial quando confrontados com uma ofensa, eles ilustram a resposta *atacar os outros*.

Esses pais ou ofensores tentam evitar a vergonha colocando a responsabilidade sobre os outros. Essa é a resposta mais comum à vergonha, exibida em nossa cultura atual. Outra resposta contemporânea é a fuga, através do álcool, abuso de drogas ou comportamento de risco, como “pegas” com carro roubado.

Décadas atrás, a resposta comum à vergonha era *atacar a si mesmo ou retirar-se*. Atacando-se a si mesmos os indivíduos envergonhados são auto-punitivos e irrazoavelmente duros consigo mesmos. Na *retirada*, os indivíduos envergonhados se escondem porque eles estão sobrecarregados pela vergonha.

Essas são as respostas normais à vergonha. Entretanto, elas são danosas e precisam ser observadas. As conferências ajudam as pessoas a se moverem para além do *compasso da vergonha* e através da subsequente reintegração. Como a conferência reafirma o valor intrínseco do malfeitor e condena somente o comportamento objetivo, pais e ofensores se sentem menos ameaçados e mais preparados para reconhecerem responsabilidade.

As vítimas também experimentam vergonha. As vítimas podem acusar a si mesmas pela ofensa, retirar-se e esconder seus sentimentos, e algumas vezes distrair a si mesmas. As vítimas podem atacar a outrem perto delas que não são responsáveis pela ofensa. Propiciando um escoadouro

para expressar sentimentos e se movendo para além da vergonha, para a resolução e reintegração, a conferência é tão importante para as vítimas quanto para os ofensores.

A JUSTIÇA RESTAURATIVA

A Justiça restaurativa é um movimento que se desenvolveu na América do Norte nos anos 70 com o advento dos programas de reconciliação vítima-ofensor. Embora a conferência tenha se desenvolvido independentemente, ela agora é parte do movimento da Justiça restaurativa. Howard Zehr, no livro “*Mudando as lentes: Um novo foco para Crime e Justiça (1990)*”, descreveu como a Justiça Restaurativa difere de nosso sistema de justiça atual. Tomando emprestado de Zehr, se pode ver como as conferências roteirizadas diferem de nossa justiça atual e dos sistemas de disciplina escolar:

1. Nossos sistemas atuais definem uma ofensa como uma violação do sistema, um crime contra o estado. Numa conferência uma ofensa é definida como um dano que foi causado a uma pessoa ou comunidade.
2. Nossos sistemas atuais focam o estabelecimento da acusação e culpa. Uma conferência foca na resolução dos problemas e na reparação dos danos.
3. Nossos sistemas atuais ignoram amplamente a vítima. O roteiro da conferência apoia os direitos e necessidades das vítimas, propiciando uma oportunidade para as vítimas de expressarem sentimentos e ajuda para decidir o resultado do encontro.
4. Em nossos sistemas atuais o ofensor é passivo. Numa conferência o ofensor é encorajado a assumir responsabilidade.
5. Nossos sistemas atuais definem responsabilização como punição. Numa conferência responsabilização significa assumir responsabilidade, desculpar-se e ajudar a reparar o dano.
6. Nossa resposta atual ao crime e malfeitos focaliza no comportamento passado do ofensor. Uma conferência enfatiza as *consequências danosas* do comportamento do ofensor.
7. Sob nossos sistemas atuais o estigma do crime é absolutamente irremovível. A conferência ajuda os ofensores a superarem a vergonha e o estigma através de ações apropriadas.
8. Em nossos sistemas atuais há pouco encorajamento para o arrependimento. Numa conferência o arrependimento é encorajado e o perdão é possível.
9. Nossos sistemas atuais dependem de profissionais para a justiça. Numa conferência o facilitador fica nos bastidores. O roteiro encoraja o envolvimento direto daqueles que foram afetados.
10. Nossos sistemas atuais é estritamente racional. Uma conferência encoraja a livre expressão da emoção.

POR QUE O ROTEIRO?

O roteiro reflete a necessidade humana de se expressar e se mover para além dos sentimentos negativos, reparar os danos e resolver o conflito. O roteiro é fácil de seguir. Ele ajuda o facilitador a ficar ancorado e focado, mesmo em situações altamente emocionais. Ele é confiável, baseado na experiência de milhares de conferências. Ele está fundamentado em consistentes teorias psicológicas e sociológicas. Ele é um exemplo simples que pode ser adaptado facilmente a ampla faixa de ofensas, conflitos e situações.

As pessoas podem ser tentadas a mudar o roteiro e fazerem sua própria versão. Alguns têm feito mudanças na terminologia e organização do *script*, geralmente com resultados indesejados. Pequenas variações nas palavras podem causar significativas mudanças nas respostas.

O roteiro apresentado aqui está fundamentado em várias pesquisas de estudos que demonstraram consistentemente altas taxas de satisfação dos participantes, percepção de justiça e comprometimento do ofensor com os acordos da conferência (McCold e Wachtel, 1998; Moore e Forsythe,

1995; Umbreit e Fercello, 1998, 1999). Raramente um novo processo foi tão abrangentemente avaliado.

O argumento para se apegar ao roteiro pode ser resumido pela máxima popular “não se mexe em time que está ganhando”. Os facilitadores assumem risco desnecessário quando abandonam ou mudam o roteiro.

CAPÍTULO 2: QUANDO REALIZAR UMA CONFERÊNCIA

Conferência para ofensores e suas vítimas

O roteiro do Capítulo 1 foi escrito para conferências referentes a ofensas de natureza criminal e malfeitos onde os ofensores admitiram responsabilidade pelo ato e há vítima identificável. Embora a conferência seja agora usada em variadas situações, incluindo crimes sem vítimas, este capítulo focaliza casos onde há nitidamente vítima e ofensor.

A conferência pode abordar incidentes entre vítima e ofensor em vários aspectos – em escolas, nas delegacias de polícia, na promotoria, tribunais, instituições correccionais, locais de trabalho, grupos de jovens, acampamentos de verão e campus universitários. Qualquer malfeito – onde ocorreu dano e há a necessidade de reparar o dano – é potencialmente adequado para ser levado à conferência. Dentro do sistema de justiça, a conferência pode ser convocada como uma alternativa na polícia ou pré-tribunal, como um meio de decidir a sentença ou fomentar a recuperação após o julgamento, ou como cerimônia de reintegração quando um ofensor é libertado de uma instituição e retorna para casa. Nas escolas, a conferência pode servir como uma alternativa à detenção, suspensão ou expulsão, ou como condição para o estudante ofensor voltar à escola após a suspensão.

Uma única conferência deve ser conduzida para um incidente, mesmo quando há múltiplos ofensores ou múltiplas vítimas. Todos os envolvidos com e afetados por aquele incidente devem ser convidados. Um ofensor pode concordar em participar, outro pode não concordar, e um outro pode estar incapacitado de comparecer. Do mesmo modo, algumas vítimas podem participar e outras não podem. Apesar disso a conferência ainda pode ser feita, independentemente de todos estarem presentes.

Para acontecer uma conferência, as vítimas e os ofensores devem concordar voluntariamente em participar, e os ofensores devem admitir a ofensa. Quando vítimas e ofensores divergem sobre os fatos e o grau de responsabilidade, os facilitadores devem trabalhar para separá-los conscientizando cada parte acerca do ponto de vista da outra antes de iniciar a conferência. As vítimas podem ainda querer que a conferência aconteça, mesmo se os ofensores têm uma perspectiva conflitante ou estão minimizando sua responsabilidade.

Se uma conferência é realizada quando as vítimas não querem participar, os facilitadores devem incluir a perspectiva da vítima, preferentemente convidando a família e amigos da vítima. As vítimas podem escrever uma carta, fazer uma gravação de áudio ou vídeo, ou enviar uma mensagem através do facilitador.

Alguns podem questionar a realização de uma conferência com os ofensores ou as vítimas que são física ou mentalmente deficientes, mentalmente doentes, emocionalmente perturbados, muito jovens ou muito idosos. Enquanto estas pessoas podem estar incapacitadas a participarem completamente numa conferência, eles e seus apoiadores podem ainda assim se beneficiar da experiência. Os facilitadores devem recrutar os apoiadores que possam ajudar essas pessoas a participarem da conferência, compreenderem o que está acontecendo, e talvez até mesmo interpretar (traduzir) seu comportamento.

Quando os ofensores apresentam uma atitude aquém da desejável, os facilitadores não devem evitar a conferência. Uma conferência pode ajudar a mudar essa atitude. Alguns facilitadores acham que podem prever que ofensores não vão participar apropriadamente ou se beneficiarem de uma conferência, mas isso é improvável. Se os facilitadores estão preocupados, eles devem informar às vítimas sobre como os ofensores estão agindo e deixarem as vítimas decidirem se querem continuar. Muitas vítimas simplesmente querem uma chance de falarem diretamente aos ofensores. Os facilitadores não devem impor seus medos. Se não é provável a ocorrência de nenhum dano adicional e as vítimas estão preparadas para o encontro, uma conferência é uma opção viável. A deci-

são de proceder pertence às vítimas e aos ofensores.

Em última instância, conferências oferecem uma chance para as vítimas expressarem seus sentimentos diretamente aos ofensores. A troca de afeto é geralmente benéfica. O processo de seres humanos falarem uns aos outros é quase sempre melhor do que a fuga silenciosa.

QUEM PODE FACILITAR UMA CONFERÊNCIA?

Um fator primordial na decisão de realizar uma conferência é se o facilitador tem a experiência necessária para o caso em particular. Esse manual, mesmo se acompanhado pelo treinamento de facilitadores de dois dias do Real Justice, não vai preparar alguém para facilitar uma conferência para ofensas violentas envolvendo traumas severos para as vítimas. Entretanto, se os facilitadores têm experiência suficiente em lidar com crimes sérios e suas vítimas, eles podem facilitar apropriadamente tais conferências.

As conferências podem ser facilitadas por profissionais como parte de seu trabalho, especialistas contratados como facilitadores em tempo integral, voluntários selecionados e treinados, ou jovens como colegas de escola, companheiros internos ou colegas de trabalho. Os facilitadores não devem realizar conferências para incidentes que os tenha afetado diretamente ou quando tenham desempenhado papel de conselheiro ou apoiador dos ofensores ou das vítimas.

Algumas pessoas pensam que os policiais ou promotores não devem facilitar conferências como parte de seu papel profissional. Outros acreditam que somente voluntários são neutros o bastante para facilitar as conferências na justiça criminal. Esses limites arbitrários sobre quem deve facilitar as conferências são baseados em opiniões não fundamentadas e estereótipos. As pesquisas têm contraditado consistentemente tais embaraços. Uma série de estudos indica que os participantes das conferências estão satisfeitos com os policiais que realizam conferências (McCold e Wachtel, 1998; Moore e Forsythe, 1995; Umbreit e Fercello, 1998).

As conferências geralmente transformam o facilitador. Policiais, promotores e educadores que têm se tornado céticos são geralmente surpreendidos pelos resultados positivos que vêm numa conferência. Mesmo quando os ofensores reincidem mais tarde, a conferência propicia a profissionais descrentes um esperançoso vislumbre do potencial dos ofensores e, quando nada, lhes permite ver as vítimas obterem alguma cura e o fechamento de uma dolorosa experiência.

ESTRUTURA DO TEMPO

Na maioria dos casos os facilitadores devem se mover rapidamente, limitando o tempo entre o incidente e a conferência a umas duas semanas. Infelizmente a papelada e os procedimentos geralmente interferem, de modo que o tempo pode ser mais longo. Se a conferência é para uma ofensa séria, as vítimas podem precisar de mais tempo para recuperar seu equilíbrio e se preparar para o encontro com os ofensores. Ofensas graves, como assassinato, podem não resultar em conferências até em anos mais tarde.

QUANDO NÃO REALIZAR UMA CONFERÊNCIA

Antes de fazer a conferência, os facilitadores devem conhecer os detalhes do incidente falando com cada um dos envolvidos, inclusive os ofensores, as vítimas e seus apoiadores. Certos detalhes podem não vir à tona até que os facilitadores tenham começado a convidar as pessoas e prepará-las para a conferência. (A preparação da conferência será discutida em detalhes no Capítulo 3).

Considerações políticas podem influenciar na realização da conferência. Em algumas jurisdições, pode ser mais fácil e mais sensato para os facilitadores começar com ofensas mais leves. As ofensas mais leves são geralmente mais simples para facilitar e os possíveis desdobramentos negativos são menores. Primeiro, as ofensas menores podem ser de todo modo os únicos casos encamiñados. Quando os facilitadores ganham experiência e confiança em suas habilidades, os outros vão ganhar confiança neles também. Assim o fluxo e nível dos casos de ofensas vai provavelmente aumentar.

Os facilitadores não devem aceitar casos que eles não têm experiência de lidar, tais como in-

cidentes de traumas severos e sexuais, abuso físico e/ou emocional. A conferência será bem-sucedida para aqueles tipos de casos, mas eles podem requerer preparação significativamente maior, recursos comunitários e apoio profissional, bem como relevante experiência por parte do facilitador. Este manual não focaliza a maioria das ofensas sérias, mas sobre outros crimes e malfeitos que são a maior parte das ofensas.

As limitações de tempo e espaço podem impedir os facilitadores de realizarem uma conferência completa. Alguns incidentes podem não parecerem sérios o bastante para realizar uma conferência completa. Entretanto, o nível de gravidade geralmente não é fácil de discernir. O meio de encontrá-lo é falar com as vítimas, as únicas mais afetadas pelo incidente.

Quando uma conferência não é necessário ou exequível, mas o dano ainda precisa ser reparado, o incidente pode ainda ser resolvido restaurativamente com uma conferência breve ou pelo uso de perguntas e da filosofia do roteiro de algum outro modo. O Capítulo 6 vai discutir essas práticas restaurativas informais.

NECESSIDADES DA VÍTIMA

A maioria dos profissionais atraídos para realizar conferência e justiça restaurativa são focados no ofensor. Eles querem ajudar os ofensores a direcionarem positivamente as suas vidas. Entretanto, quando decidem se realizam uma conferência, eles podem fechar os olhos para as necessidades da vítima. Por exemplo, muitos dos programas de conferência pioneiros na polícia ou nos tribunais foram limitados aos ofensores primários. Assim, se a casa de uma vítima foi assaltada por uma pessoa com antecedentes criminais, a vítima ficava privada da oportunidade de confrontar o ofensor, ter voz no resultado, e desfrutar da cura e encerramento que uma conferência pode propiciar.

As necessidades da vítima são a prioridade na decisão de realizar uma conferência. De acordo com pesquisa em vitimologia e justiça restaurativa, as vítimas podem precisar:

- uma oportunidade de expressar seus sentimentos;
- reconhecimento pelas pessoas que amam do que lhes aconteceu;
- assegurar-se de que o que aconteceu foi injusto e imerecido;
- contato direto com os ofensores para ouvi-los expressarem vergonha e remorso, responderem a perguntas sobre a ofensa, e assegurar-se de que não acontecerá de novo;
- um senso de segurança.

CAPÍTULO 3: PREPARAÇÃO DA CONFERÊNCIA

Uma preparação é crucial para facilitar conferência bem-sucedida. Na preparação os facilitadores podem compreender o incidente, construir relacionamento com os participantes, e começar a antever como a conferência pode se desenrolar. Os facilitadores devem usar a Lista de Verificação da Preparação do Facilitador fornecida na página ...

UMA NOTA SOBRE A LINGUAGEM

Os termos “vítima” e “ofensor” ajuda os facilitadores manterem a referência com os participantes e organizar conferências. Seria complicado manter-se falando “a pessoa que sofreu o dano” ou “a pessoa que causou o dano”. Entretanto, os facilitadores não devem nunca usar os termos “vítima” e “ofensor” com os participantes da conferência porque esses termos podem estar estigmatizando. A pessoa deve ser referida pelo seu nome verdadeiro sempre que possível.

Os termos “incidente” e “ofensa” são usados aqui como sinônimos. Na verdade, em alguns casos e acordos o termo “ofensa” pode parecer extremo ou legalista. Por outro lado, para outros casos e acordos o termo “incidente” pode parecer minimizante ou eufemístico. Os facilitadores devem julgar que termo é apropriado.

ESCOLHENDO DATA E LOCAL

Os facilitadores devem procurar uma sala de reunião que esteja realmente disponível ou que possam reservar com antecedência. A sala deve ser grande o bastante para o número esperado de participantes, ser privada e livre de interrupções, e ter acesso a banheiros. Se possível, as salas devem ter também acesso a um telefone (que pode ser mantido desligado durante a conferência) e uma copiadora para copiar o acordo celebrado na conferência.

O local de conferência dependerá da jurisdição mas deve ser conveniente, seguro e de fácil acesso. As possibilidades incluem a Delegacia de Polícia ou a Subestação de Polícia Comunitária, o tribunal de justiça, um prédio público ou do governo, um centro comunitário ou uma escola. Para preservar a percepção de justiça do processo, as conferências raramente são feitas na casa de participantes da mesma. Entretanto, após consultar a vítima, ofensor e outros envolvidos, os facilitadores podem, ocasionalmente, julgar isso apropriado.

Marcar a conferência pode às vezes ser complicado, especialmente se há múltiplos ofensores ou vítimas. Os facilitadores precisam de um tempo de tentativa e encontros para a conferência antes de contatar os possíveis participantes. Os facilitadores podem mover-se entre vítimas e ofensores para achar uma data mutuamente acordada. Deve ser dado grande peso à preferência da vítima pela data do encontro.

SELECIONANDO E CONVIDANDO OS PARTICIPANTES

Como uma cortesia às vítimas, os facilitadores devem contatar primeiro os ofensores e assegurar-se de seu desejo de participarem da conferência. Isso vai evitar qualquer desapontamento da vítima no caso dos ofensores se recusarem. Se há vários ofensores, os facilitadores podem começar convidando a vítima depois que um dos ofensores tenha aceitado.

Os ofensores devem pelo menos admitir a ofensa, para ser elegível para uma conferência, embora alguns ofensores possam minimizar ou deslocar a responsabilidade. Os facilitadores devem atender às necessidades do ofensor para assumir total responsabilidade, durante encontro de pré-conferência.

Quando contatar as pessoas, os facilitadores explicam o processo da conferência e seus benefícios, respondem às perguntas, encorajam e asseguram presença na conferência, e constroem relacionamento e confiança. É *vital* para os facilitadores falar com *todos* os participantes antes da conferência, incluindo as vítimas, ofensores, seus apoiadores e outros. As conferências onde os facilitadores não estabeleceram contato com todos os participantes estão muitos mais sujeitas a serem problemáticas.

Os facilitadores devem desenhar sua abordagem aos ofensores, vítimas e cada grupo de apoiadores. Os facilitadores podem criar uma brochura ou folha de informação que possam enviar ou dar às pessoas durante seus encontros pré-conferência. A informação para as vítimas e seus apoiadores podem diferir daquela fornecida aos ofensores e seus apoiadores.

As pessoas algumas vezes expressam preocupação de que os outros participantes serão desrespeitosos ou ofensivos durante a conferência. Em resposta, os facilitadores podem explicar que como os participantes geralmente sentem que conferenciar é um processo humano e confiável, eles tendem a dar “o seu melhor” para o círculo e participam de uma maneira construtiva.

Em muitos casos o contato telefônico é suficiente para explicar o processo e estabelecer um relacionamento. Muitas vezes os facilitadores vão preferir se encontrar com as vítimas e os ofensores pessoalmente. Isso demanda mais tempo e nem sempre é possível. Entretanto, quando a ofensa é mais séria ou tem dinâmicas complicadas, uma encontro pessoal pode criar confiança do participante no facilitador, melhorar a qualidade da conferência, e atender mais completamente as necessidades da vítima. Uma visita pessoal pode também assegurar que os ofensores assumam total responsabilidade pelo incidente, assim como aumentar a probabilidade de que vítimas, ofensores e suas famílias vão participar. Visitas pessoais são necessárias quando se lida com ofensas mais sérias, e mesmo com ofensas menos sérias quando as vítimas estão particularmente aborrecidas.

Quando os ofensores são jovens, os facilitadores podem ser legalmente chamados a contatar seus pais ou responsáveis sobre a conferência e talvez obter sua permissão antes de falar com os ofensores. Entretanto, se os ofensores são de maior idade, pode ser considerado uma violação de sua privacidade contatar seus pais sem sua permissão, mesmo se o ofensor está ainda na escola ou fre-

quantando uma universidade.

Determinar quem se vai convidar como apoiador é uma parte importante da preparação da conferência. As vítimas e os ofensores podem nomear qualquer um à sua escolha. Os facilitadores podem também convidar pessoas que não estejam claramente na categoria de vítima, apoiador da vítima ou apoiador do ofensor, mas que tenham sido diretamente afetadas pelo incidente de alguma maneira – talvez alguém que testemunhou o incidente ou um investigador de polícia. Algumas vezes as vítimas e os ofensores têm um contato inicial com seus apoiadores para lhes falar de conferência e deixá-los a par do que o facilitador vai chamá-los.

Crianças pequenas podem participar de conferências se elas podem falar e compreender basicamente o que está acontecendo. Mesmo se a conferência lida com ofensas graves, as crianças podem ainda participar porque foram machucadas por aquelas ofensas e precisam de cura tanto quanto os adultos. As perguntas do roteiro podem precisar serem adaptadas ligeiramente para o nível de entendimento da criança.

Os ofensores e as vítimas não devem ter conselheiro legal na conferência. O facilitador deve avisar a qualquer advogado que queira se envolver que uma conferência não é um procedimento legal e que eles podem assistir somente como um apoiador, como outros apoiadores que estão ligados à vítima ou ao ofensor, ou como um observador silencioso, sentado fora do círculo.

Os facilitadores devem conhecer as leis locais com relação às revelações feitas numa conferência, se são admissíveis perante o tribunal, e avisar ofensores disso. Na prática, entretanto, a conferência quase sempre definem os assuntos sem procedimentos legais adicionais.

Quando os facilitadores recebem um caso, eles devem saber o que vai acontecer se o caso não resultar numa conferência, se não é alcançado um acordo. Se não há protocolo, os facilitadores precisam discutir a matéria com aqueles que têm autoridade para decidir.

É difícil dizer exatamente quantas pessoas devem comparecer a uma conferência. Depende das redes de apoio das vítimas e dos ofensores e da natureza da ofensa. A maioria das conferências têm de 8 a 15 participantes e duram de 30 a 90 minutos. Conferências maiores podem demorar de 2 a 4 horas. Geralmente, quanto mais pessoas numa conferência, mais demorada será.

Geralmente, quanto mais pessoas numa conferência melhor, por causa da mais ampla variedade de personalidades. Grupos menores podem ser dominados por um ou dois indivíduos que podem ou não ser influência positiva. Em grupos maiores há uma média ou efeito normalizador, com as personalidades mais extremadas equilibradas pelas outras no círculo. De fato, os facilitadores que realizam conferências maiores têm mais probabilidade de encontrar o equilíbrio mantido pelos próprios participantes.

Convidar o maior número de pessoas possíveis para a conferência também oferece a oportunidade de desenvolver “comunidades de cuidado” para a vítima e para o ofensor. Geralmente a comunidade da vítima e a do ofensor tornam-se uma só comunidade. Como um malfeito coloca os relacionamentos num foco crítico, a conferência pode ser um começo para o estabelecimento e construção de relacionamento. A conferência permite a construção de laços sociais que são necessários para manter relacionamentos saudáveis na família e comunidade.

Os facilitadores com experiência de mediação geralmente se preocupam com o desequilíbrio de poder, mas a estrutura da conferência lida com isso naturalmente. Com apoiadores para ambos, ofensores e vítimas, o poder entre os indivíduos é equilibrado. Não há necessidade de ter o mesmo número de participantes para cada “lado” - ofensor e vítima. Entretanto, se os facilitadores sabem que um grupo é particularmente grande, eles podem encorajar o outro grupo para trazer mais apoiadores.

Convidar representantes oficiais da comunidade ou outros que não tenham uma conexão emocional direta com o incidente pode ser um problema. Eles algumas vezes fazem sermões ou dão lições de moral, sufocando a troca afetiva. Se representantes da comunidade são incluídos, eles devem ser aconselhados a falar pessoalmente sobre como o incidente os fez sentirem-se.

CONTATANDO OFENSORES E PAIS DE OFENSORES JUVENIS

Quando contatar ofensores, os facilitadores devem apresentar-se e explicarem o propósito da conferência. Por exemplo:

“Olá, meu nome é (nome do facilitador). Estou com ... (nome do acompanhante), e estou trabalhando para agendar uma conferência que vai abordar ... (breve descrição da ofensa). Gostaria de lhe oferecer uma oportunidade de comparecer à conferência em vez de ... (encaminhar o assunto para a justiça/tratar do assunto através dos procedimentos disciplinares da escola/tratar do assunto de outra maneira). A conferência nos ajudará a saber como as pessoas foram afetadas pelo que você fez e como reparar o dano que ocorreu. Não vamos decidir se você é bom ou mau. Nós vamos somente discutir como seu comportamento inapropriado afetou as outras pessoas e como reparar os danos.”

Os facilitadores devem explicar o processo da conferência, quem estará presente, e o que o ofensor pode esperar que seja perguntado na conferência. Se o ofensor não é maior de idade, os facilitadores podem precisar contatar seus pais ou responsáveis antes de falar com ele.

Para os ofensores e os pais de ofensores juvenis os facilitadores devem descrever as vantagens do processo de conferência na perspectiva deles. Isso inclui a oportunidade dos ofensores compreenderem as consequências de seu comportamento, saberem como o incidente afetou sua família e amigos, ajudando a desenvolver e implementar um plano para reparar o dano, desaprovando o comportamento do ofensor enquanto afirma seu valor como membro da comunidade. A conferência é uma alternativa a processos disciplinares mais punitivos ou um meio de evitar penas criminais formais. Entretanto, as conferências não são a opção mais “fácil” que alguém pode assumir.

Com ofensores juvenis, os facilitadores podem falar com os ofensores e seus pais juntos, mas é importante falar com cada um individualmente também. Os facilitadores precisam estabelecer relação individual com os ofensores e trabalhar para se assegurar que os ofensores comecem a conferência aceitando responsabilidade pelo que fizeram, sem racionalizar, minimizar ou arrumar desculpas.

Aceitar responsabilidade e confessar o comportamento vai além de uma simples admissão. Em conferências onde os ofensores não confessam seu comportamento, outros participantes geralmente ficam indignados, diminuindo as chances de se alcançar um acordo bem sucedido na conferência. Preparar o ofensor pode evitar essa armadilha.

Os facilitadores preparam os ofensores durante seus encontros pré-conferência, depois deles terem contado o que aconteceu, em suas próprias palavras. Os facilitadores devem falar aos ofensores num tom positivo e ouvi-los contarem suas histórias. Alguns ofensores assumem prontamente a responsabilidade pelo seu comportamento, dizendo o quão pesarosos estão e que sabem que estavam errados. Neste caso, os facilitadores devem oferecer encorajamento e dizer aos ofensores que se eles falarem tão humilde e honestamente durante a conferência, o processo provavelmente transcorrerá bem.

Outros ofensores apresentam desculpas e acusam outros. Quando os facilitadores detectam isso, eles devem parar o ofensor e dizem algo como:

“Eu quero me assegurar de que a conferência corra bem para você. Eu ouvi você descrevendo o que aconteceu e pensei que você admitiu que você o fez, você parece estar acusando os outros, o que apenas gera raiva de todos contra você. Se você tem algumas razões pelas quais as coisas aconteceram do jeito que você fez, deixe-as para mais tarde, na conferência. Apenas comece realmente honesta e humildemente admitindo o que você fez, sem nenhuma explicação. Então a conferência seguirá melhor. Sabe o que quero dizer? Por que não tenta de novo, agora dizendo somente o que você fez e admitindo que estava errado?”

Os facilitadores devem ouvir de novo e cumprimentá-lo se o ofensor parece estar assumindo o comportamento. Os facilitadores podem mesmo dizer aos ofensores que as pessoas responderão melhor se eles dizem isso do mesmo jeito durante a conferência. Como declaração de fechamento, os facilitadores podem pedir aos ofensores para pensar sobre como as pessoas foram afetadas por suas ações.

Essa preparação ajuda os ofensores – especialmente pessoas jovens que podem não ter habilidades de comunicação para expressar humildemente o remorso – a começarem com o pé direito na conferência. Se a atitude de um ofensor é um estratagema enganoso, isso irá geralmente tornar-se óbvio à medida que a conferência continua. Na maioria dos casos, entretanto, os ofensores são favoravelmente afetados pela atmosfera da conferência e sua honestidade e atitude positiva é reforçada, mesmo se eles não estavam totalmente sinceros no início.

Durante os encontros pré-conferência, os ofensores e seus pais podem racionalizar ou minimizar a ofensa acusando outras pessoas e situações. Acusar outros pelo incidente geralmente reflete um sentimento subjacente de vergonha. Por exemplo, algumas vezes os ofensores ou pais de ofensores que atacaram alguém podem declarar que a vítima “os instigou” ou estava “pedindo por isso”.

Enquanto há geralmente outros fatores que contribuíram para a ofensa, os facilitadores devem dizer que o que os ofensores fizeram foi inaceitável e que eles precisam assumir responsabilidade pela sua parte no que aconteceu. Fazer perguntas no encontro pré-conferência, tais como “se você fosse fazer isso de novo, o que faria de outro jeito?” ou “Como você poderia ter respondido diferentemente?” pode ajudar os ofensores a realizarem que eles poderiam ter escolhido respostas menos danosas.

Os pais podem ter muito a dizer sobre o incidente e o ofensor, e como eles foram pessoalmente afetados. Os facilitadores devem ouvir atentamente e compassivamente, permitindo serem ventilados os sentimentos e a expressão de opiniões.

Os pais dos ofensores podem expressar raiva com o ofensor. Declarações degradantes sobre os ofensores e seu valor individual, tais como chamar nome e outras caracterizações estigmatizantes, podem ser perigosas. Por exemplo, “John é um desordeiro”, ou “Carrie é exatamente como sua mãe”. Os facilitadores devem reconhecer a raiva e ajudar os pais a explorá-la, dizendo por exemplo, “Você parece muito irado com o que aconteceu. Poderia me falar mais sobre isso?” Geralmente há sentimentos subjacentes de mágoa, desapontamento, frustração e vergonha. Encorage-os a expressar estes sentimentos, em vez de caracterizar o ofensor de bom ou mau.

Os ofensores nomeiam os apoiadores na conferência. O apoiador ideal do ofensor é alguém com quem o ofensor se importa, que pode desaprovar fortemente o comportamento inapropriado enquanto afirma as qualidades positivas e valor do ofensor. Quando explorar quem convidar como apoiador do ofensor, os facilitadores devem ajudar o ofensor a pensar criativamente sobre quem é importante para ele e quem pode apoiá-lo na conferência – incluindo pais, irmãos, irmãs, parentes, amigos, colegas, esposas, conselheiros, mentores, pastores, rabinos, vizinhos e outros. Os facilitadores podem perguntar aos ofensores, “Quem em sua vida se importa realmente com você?” então pergunte por pessoas em diferentes áreas da vida do ofensor, tais como família, escola, trabalho, igreja, clubes e esportes. Alguns ofensores têm pouco apoio da família, mas podem ter um assistente social, conselheiro ou mesmo fiscal de condicional de quem eles gostem e queiram ter com eles na conferência.

Algumas vezes os ofensores não querem apoiadores, geralmente porque estão envergonhados de que os outros saibam o que fizeram. Entretanto, o processo da conferência depende da inclusão da “comunidade de cuidados” do ofensor, porque os ofensores mais provavelmente ouvem sobre os efeitos de suas ações, reconhecem sua vergonha e expressam remorso quando pessoas com quem eles se importam estão presentes. A pessoa que o ofensor parece menos confortável para convidar pode ser a única que o facilitador deveria persuadi-lo a convidar. Algumas vezes, particularmente no caso de ofensas juvenis, os pais têm todo direito de comparecer, e talvez mesmo os membros da família estendida, sem a permissão do jovem.

Quando os ofensores não nomeia realmente os apoiadores, os facilitadores podem perguntar às pessoas que conhecem o ofensor quem eles acham que poderia ser um apoiador. As conferências ajudam a criar ou fortalecer laços positivos entre os ofensores e as pessoas de sua comunidade.

Se os ofensores insistem que eles não querem nenhum apoiador na conferência, os facilitadores deveriam falar que parte da participação positiva dos ofensores na conferência inclui ter apoiadores lá, porque eles oferecem uma perspectiva especial sobre o ofensor e pode contribuir para o processo e resolução da conferência. Os facilitadores devem tornar difícil ao ofensor recusar os apoiadores.

Antes de encerrar o encontro os facilitadores devem cuidar de qualquer questão remanescente. Se têm ainda tempo de tentativa e encontro para a conferência, deveriam se assegurar se isso é aceitável para o ofensor, mas dizer que isso pode ser mudado para atender à vítima. Os facilitadores devem pedir ao ofensor horários alternativos. Os facilitadores devem se assegurar que os ofensores e seus pais saibam achar o local da conferência, e possivelmente oferecer transporte ou fornecer o endereço. Por último, os facilitadores devem deixar seu cartão ou seu número de telefone escrito para o caso dos ofensores ou seus pais precisarem contatá-los.

CONTATAR VÍTIMAS

Quando contatar vítimas os facilitadores começam por apresentarem-se e explicarem o propósito da conferência. Por exemplo:

“Olá, meu nome é (nome do facilitador). Estou com ... (nome do acompanhante), e estou trabalhando para agendar uma conferência que vai abordar ... (breve descrição da ofensa) em que você infelizmente foi afetado. Estou organizando uma conferência para tratar do incidente porque ela pode lhe propiciar uma oportunidade de encontrar-se com ... (nome dos ofensores), dizer-lhes como você foi afetado, fazer perguntas, e ter envolvimento direto com o que vai acontecer. Eu gostaria de lhe falar sobre a conferência e responder às suas perguntas de modo que você possa decidir se gostaria de participar. A conferência é uma alternativa a ... (encaminhar o assunto para a justiça/tratar do assunto através dos procedimentos disciplinares da escola/tratar do assunto de outra maneira) e a maioria das pessoas encontram um jeito mais satisfatório de reparar o dano provocado. ... (nome do ofensor) admitiu cometer a ofensa e concordou em participar da conferência. Embora eu não possa garantir qual será o resultado da conferência, eu posso lhe dizer que geralmente é muito bom.”

Os facilitadores devem explicar o processo da conferência, quem estará presente, o que vai ser perguntado, e o que as vítimas podem razoavelmente esperar. Os facilitadores devem descrever para as vítimas os potenciais benefícios do processo da conferência que incluem: falar ao ofensor como foram afetadas, responsabilizar o ofensor e ter voz em como reparar o dano, recebendo possivelmente desculpas e restituição, e fazendo perguntas ao ofensor sobre a ofensa.

O trabalho inicial do facilitador nos encontros pré-conferência com as vítimas é ouvi-las relatar seus sentimentos e como foram afetadas pelo incidente. Os facilitadores devem conceder às vítimas o máximo de tempo que elas precisem. Mesmo se as vítimas se recusarem a participar, ou se a conferência não vier a ser realizada por outra razão, as vítimas podem ainda assim apreciar que alguém tenha tempo para escutá-las – uma contribuição significativa para o processo de cura.

Os facilitadores não devem pressionar as vítimas a participarem numa conferência. Os facilitadores podem lhes falar das vantagens da conferência e de como outras vítimas responderam ao processo. Os facilitadores devem também falar às vítimas se os ofensores expressaram um ponto de vista diferente sobre o que aconteceu ou se os ofensores parecem particularmente sem remorso. Enquanto os facilitadores não devem “vender” a conferência a vítima, eles podem expressar seu entusiasmo pelo valor da conferência. Se as vítimas declinam do convite, os facilitadores devem agradecer-lhes por sua consideração.

As vítimas podem nomear qualquer um que queiram para apoiá-los na conferência. As vítimas são geralmente mais acessíveis que os ofensores na nomeação dos apoiadores, embora nem sempre. Quando as vítimas hesitam em nomear apoiadores, os facilitadores devem enfatizar que elas podem se sentir mais confortáveis na conferência se tiverem pessoas que as apoiem. Os facilitadores devem também enfatizar que a família e amigos das vítimas devem estar na conferência porque eles também foram afetados pelo dano causado a alguém próximo a eles.

Os facilitadores devem verificar com a vítima se o horário, data e local da conferência são convenientes. Antes de terminar o encontro, os facilitadores devem responder a qualquer questão remanescente, fornecer endereço do local da conferência, se necessário, possivelmente oferecer transporte, e deixar seu cartão de visita ou o número do telefone escrito, para o caso da vítima ter perguntas adicionais.

CONTATAR APOIADORES DA VÍTIMA E DO OFENSOR

Os facilitadores devem falar com todos os apoiadores antes da conferência. Construir relacionamento com os apoiadores aumenta as chances de uma conferência bem sucedida porque eles vão mais provavelmente trabalhar com o facilitador para que o processo corra bem.

Quando contatar os apoiadores do ofensor e da vítima, os facilitadores devem apresentar-se, explicar o processo da conferência, como a conferência vai beneficiar a vítima, o ofensor e a eles

mesmos, e por que sua participação será útil. Por exemplo:

“Olá, meu nome é (nome do facilitador). Estou com ... (nome do acompanhante), e estou trabalhando para agendar uma conferência que vai abordar ... (breve descrição da ofensa). ... (nome do ofensor ou nome da vítima) chamou você para ir à conferência para apoiá-lo. A conferência nos ajudará a saber como as pessoas foram afetadas pelo que você fez e como reparar o dano que ocorreu. Sua presença beneficiaria o processo e eu sei que ... (nome do ofensor ou nome da vítima) gostaria que você comparecesse.”

Algumas vezes os apoiadores sabem pouco ou nada sobre o incidente, de modo que os facilitadores podem lhes falar mais sobre o que aconteceu. Isso pode ajudar se as vítimas ou os ofensores contatarem seus apoiadores para explicar a conferência e deixá-los saber que o facilitador vai chamá-los.

Os apoiadores das vítimas e dos ofensores podem simplesmente ver a si mesmo como dando suporte. Muitas vezes, entretanto, eles foram diretamente afetados pelo incidente e precisam expressar seus sentimentos – particularmente amigos íntimos e parentes de vítimas de crimes mais sérios. Os facilitadores devem dar aos apoiadores o mesmo respeito e atenção como vítimas, ouvindo-os e lhes permitindo discutir seus pensamentos e sentimentos.

Como os parentes dos ofensores, os apoiadores dos ofensores podem se sentir com raiva e envergonhados sobre o que o ofensor fez. Os facilitadores devem reestruturar declarações degradantes ou estigmatizantes e focar nos sentimentos subjacentes de vergonha, desapontamento e mágoa.

Antes de encerrar o encontro, os facilitadores devem responder a qualquer questão remanescente, assegurar que os apoiadores saibam o horário, data e local da conferência, fornecer endereço do local, se necessário, possivelmente oferecer transporte, e deixar seu cartão de visita ou número do telefone escrito para o caso dos apoiadores terem questões adicionais.

O PLANO DE ASSENTOS

Os facilitadores devem desenvolver um plano de assentos na conferência (veja Figura 3 e Figura 4). Na conferência, os participantes devem estar sentados juntos num círculo ou formato oval, sem mesas ou outras obstruções no meio. As mesas podem inibir a expressão emocional porque elas empatam a linguagem do corpo e podem ser usadas como barreiras protetoras pelos participantes. O círculo também simboliza comunidade ou “chegar junto”.

... Fig 3

Os ofensores e seus apoiadores devem se sentar no círculo de um dos lados do facilitador, e as vítimas e seus apoiadores do outro lado do facilitador. O grupo do ofensor geralmente se senta à direita e o grupo da vítima à esquerda. Isso é arbitrário, mas os facilitadores devem adotar uma abordagem – ofensor à direita/vítima à esquerda *ou* ofensor à esquerda/vítima à direita – e aderir a ela todo tempo para ajudá-lo a administrar suas conferências mais facilmente.

Os ofensores e as vítimas devem se sentar próximos de seus apoiadores mais íntimos e próximos, mas não necessariamente em seguida, ao facilitador. Para ofensores juvenis, seus apoiadores mais próximos são geralmente seus pais ou responsáveis, que podem sentar em qualquer dos lados. Se há múltiplos ofensores, cada um deve se sentar entre seus apoiadores mais chegados.

Outros apoiadores da vítima e do ofensor devem se sentar em seus respectivos lados do círculo, com ambos os grupos sentando progressivamente afastados do facilitador até o ponto oposto ao facilitador no círculo.

Os participantes que não são explicitamente apoiador da vítima ou do ofensor, tais como um investigador de polícia, pode ficar sentado entre os dois grupos, no lado oposto ao do facilitador. Se os facilitadores sentem que um participante em particular pode ser perturbador ou incômodo na conferência, eles podem escolher sentar aquele participante mais perto deles para fazer mais desconfortável para aquele participante ser perturbador.

.. Fig 4

CONFERÊNCIAS GRANDES

Nas raras ocasiões em que uma conferência é particularmente grande, talvez 30 ou mais pessoas, os facilitadores devem arranjar os participantes em filas de cadeiras, com as vítimas e seus apoiadores em frente ao ofensor e seus apoiadores e o facilitador sentado entre os dois grupos como na figura 5 abaixo.

... Fig 5

Por causa do tempo e do número de pessoas envolvidas em grandes conferências, os facilitadores vão precisar ajudar a sentar as pessoas, responder perguntas, cuidar de problemas inesperados, e orientar as pessoas sobre os banheiros e lanches – que deverá estar disponível durante a conferência. O assistente ou co-facilitador pode conversar com as pessoas quando elas estão no lanche e encorajá-las a retornarem para a conferência porque alguns podem estar desencorajados por causa da demora. Uma grande bloco de papel, cavalete e marcador são úteis para a redação do acordo da conferência.

PREPARAÇÃO ADICIONAL

Os facilitadores devem prever como a conferência pode se desdobrar. Isso se torna mais fácil quando o facilitador ganha experiência e compreende a dinâmica das conferências. Sua confiança no processo crescerá também.

Cada conferência é única, mas emergem padrões que ajudam os facilitadores a se organizar e prepará-las. Por exemplo, se o ofensor assume prontamente a responsabilidade no começo da conferência, as vítimas e os outros estarão menos propensos a expressarem indignação moral. Ou se os pais do ofensor são severos com o ofensor, outros participantes podem dizer alguma coisa positiva ou de apoio sobre o ofensor.

Cada facilitador vai desenvolver um jeito de organizar os materiais de preparação da conferência. Os facilitadores devem registrar os números de telefone e endereços dos participantes da conferência e outros contatos relevantes. Eles podem também manter notas sobre suas discussões com os participantes da conferência e outros para revisar durante a preparação da conferência ou referência posterior.

Os facilitadores devem estar familiarizados com o roteiro da conferência, e lê-la para determinar a ordem em que os participantes vão falar, anotar a ordem no roteiro ou no plano de assentos. Podem ser colocadas nos assentos etiquetas com os nomes dos participantes antes deles chegarem. Os facilitadores devem se assegurar de que a sala da conferência está reservada e que todos os participantes foram avisados da hora certa, data e local da conferência. Os facilitadores podem por um sinal na porta dizendo: “Não perturbe: Conferência em curso”. Os facilitadores devem providenciar também lenços, que significam para os participantes que expressões emocionais são aceitáveis, e lanche para o período informal após a conferência.

Se os facilitadores estão preocupados com o manejo de determinada situação, eles devem procurar ajuda de um colega que tenha sido treinado em facilitar conferências Real Justice. O Real Justice fornece apoio direto para os facilitadores, livre de encargos, via telefone e e-mail. Os facilitadores que tenham sido treinados pelo Real Justice podem também se juntar ao “Real Justice-Talk”, um grupo de discussão para facilitadores de todo o mundo.

Lista de Verificação da Preparação do Facilitador

- Você tem clara compreensão do incidente?
- A conferência é necessária?
- O ofensor admitiu responsabilidade?

- Você convidou todos os participantes necessários?
- Você conversou ou se encontrou com *todos* os participantes e se assegurou de seu comparecimento?
- Os participantes entenderam o processo da conferência e seu propósito?
- Os participantes sabem como entrar em contato com você?
- Você reservou uma sala adequada?
- Os participantes sabem a hora, data e local e como chegar lá?
- Os participantes têm transporte?
- Você desenvolveu um plano de assentos?
- Você está familiarizado com o roteiro do facilitador de conferência?
- Você pensou sobre como a conferência pode se desenrolar?
- Você precisa de assistência, um co-facilitador ou um observador para lhe dar um retorno?
- Você sabe o que pode acontecer se a conferência não alcançar um acordo ou o ofensor não cumpre o acordo?
- Você tem os seguintes itens para a conferência?
 1. cópia do roteiro do facilitador
 2. formulários de acordo e outros formulários requeridos
 3. plano de assentos da conferência
 4. etiquetas para os assentos dos participantes
 5. um sinalizador “Não perturbe”
 6. uma caixa de lenços
 7. lanche

CAPÍTULO 4 – FAZENDO A CONFERÊNCIA

ANTES DA CONFERÊNCIA

Arranjos de antes da conferência

- Ter o roteiro da conferência, formulários, plano de assentos, lenços, lanche
- Cadeiras arrumadas de acordo com o plano de assentos
- Sem mesas ou obstruções físicas dentro do círculo
- Etiquetas com os nomes dos participantes nas cadeiras
- Sala livre de distrações
- Telefone ou interfone com campainha desligada
- Sinal “Não perturbe” na porta
- Banheiros sinalizados
- Máquina copiadora acessível
- Áreas de espera para o grupo das vítimas e para o grupo dos ofensores

Antes dos participantes chegarem, os facilitadores arrumam a sala de conferência, arranjando as cadeiras de acordo com o plano de assentos e considerando qualquer mudança de última hora. Não deverá haver nenhuma mesa ou outra barreira física dentro do círculo de cadeiras. Etiquetas com os nomes dos participantes podem ser colocadas sobre as cadeiras para ajudar no processo de sentar as pessoas. Os facilitadores devem ter seu roteiro de conferência (copiado das páginas 18 a 20 deste manual), formulários de acordo, plano de assentos, uma caixa de lenços, e lanche para o período informal após a conferência.

A sala deve estar livre de barulho e distrações visuais, tais como uma janela aberta para uma rua movimentada. Se há um telefone ou interfone na sala, a campainha deve ser desligada. Um sinal “Não perturbe: Conferência em curso” pode ser colocado nas portas de acesso à sala. Os facilitadores devem sinalizar os banheiros mais próximos de modo que possam direcionar os participantes para eles. Os facilitadores precisam também acessar uma copiadora para duplicar o acordo da conferência após a assinatura.

Se possível, deve haver áreas de espera separadas para as vítimas e seus apoiadores e para os ofensores e seus apoiadores, para evitar o mútuo desconforto de estar em frente uns dos outros em silêncio antes da convocação da conferência. Quando os participantes chegam, o facilitador deve encontrar-se com eles e dirigi-los para uma área de espera. Os facilitadores devem ser corteses e respeitosos, e manterem a formalidade e seriedade da ocasião. Um assistente pode ajudar os facilitadores a saudar e direcionar os participantes. Os facilitadores devem manter o direcionamento de quem tenha chegado.

Algumas vezes os facilitadores se encontram com cada grupo em separado, justo antes da conferência, para revisar o processo da conferência, atender a questões ou preocupações de última hora, e explicar os arranjos dos assentos. Isso é opcional.

Se um ofensor, vítima, ou apoiador chave está atrasado, os facilitadores devem esperar um tempo razoável, talvez telefonar para a pessoa. Se há um ofensor ou uma vítima, e ambos não chegaram, a conferência deve ser remarçada, se possível. Se parecer que uma conferência completa não vai acontecer, uma conferência modificada pode atender às necessidades das pessoas que estão reunidas.

Se um apoiador secundário não chegou, os facilitadores podem esperar um curto tempo e então começar a conferência. Não é uma boa idéia admitir participantes depois do início da conferência. Os facilitadores podem permitir aos atrasados observarem a conferência de fora do círculo ou participarem de algum modo limitado, dependendo de quando eles chegaram.

Se as vítimas ou ofensores trouxeram apoiadores inesperados, os facilitadores geralmente permitem a eles participarem. Entretanto, os facilitadores devem lhes falar sobre o processo e o propósito da conferência, e lhes falar do que lhes será perguntado na conferência. Se parecer que o inesperado apoiador está indignado e pode sabotar o processo da conferência – de propósito ou inadvertidamente – os facilitadores devem falar com eles. Os facilitadores devem explicar que foi feita muita preparação para a conferência, que todos os que vieram ali tomaram tempo de seus dias e estão esperando que a conferência corra bem, e que eles são bem-vindos a participar de modo respeitoso e construtivo.

Se um ofensor vem sem apoiadores, os facilitadores podem escolher não realizar a conferência, remarcar, ou conferir com as vítimas e outros participantes se querem prosseguir.

Se um participante está obviamente intoxicado, ele não deve participar, em respeito aos demais participantes. Se os facilitadores apenas suspeitam que um participante está intoxicado, eles devem confiar em seu julgamento para determinar se essa pessoa será perturbadora, monitorá-la durante a conferência, e pedir-lhe para sair mais tarde se se comportam inapropriadamente.

Para começar a conferência, os facilitadores introduz um grupo por vez na sala, de preferência o grupo da vítima primeiro. Quando todo mundo estiver sentado, o facilitador começa a conferência. Após o início, geralmente não deve haver interrupções.

Os facilitadores devem ter um quadro ou pasta com o plano de assentos, o roteiro da conferência, papel em branco para redigir o acordo da conferência, os formulários de acordo ou outros formulários a serem preenchidos.

Ao longo da conferência, os facilitadores devem estar calmos, com tempo disponível, falar equilibradamente e permitir silêncio entre os que falam e as perguntas. Eles devem sempre ser respeitosos, especialmente quando responder a um desafio. Os facilitadores devem nunca expressar opinião pessoal sobre o incidente ou fazer sugestões. Entretanto, como guardiões do processo, eles devem estar prontos a defender-se de participantes que desviem a conferência de seu foco ou perturbe o processo de outra maneira.

Abaixo está uma descrição do roteiro da conferência e suas fases. As seções do roteiro estão destacadas e numa letra diferente.

O PREÂMBULO

Os facilitadores começam a conferência acolhendo todo mundo, apresentando-se e apresentando os participantes, dizendo seus nomes e seu relacionamento com o ofensor ou a vítima.

1. Preâmbulo

“Bem vindos. Como vocês sabem, meu nome é ... (seu nome) e eu vou facilitar esta conferência”.

Agora apresente cada participante da conferência e esclareça seu relacionamento com o ofensor ou a vítima.

Para as apresentações, os facilitadores vai geralmente declarar o primeiro e o último nome de cada pessoa. Os facilitadores nunca devem usar os termos “ofensor” e “vítima” para descrever as pessoas durante a conferência. Dependendo do grupo, da idade e situação dos participantes, os facilitadores podem também incluir prefixos ou títulos em vez de ou em adição aos primeiros nomes, tais como “Sr./Sra./Dr./Oficial ou Diretor”. Por exemplo:

“Este é Chris Rogers, cujo comportamento estamos aqui hoje para discutir. Este é Steve Rogers, pai de Chris e Laura Rogers, irmã de Chris. Este é Bob Reading, treinador de basquetebol de Chris. Este é o Oficial Johnson, que conduziu a investigação inicial e fez a prisão. Esta é Mary Huang, cujos pneus do carro foram cortados por Chris, e este é o marido de Mary, John Huang. E por último, esta é Cindy Smith, amiga de Mary.”

A maneira como os facilitadores apresentam os participantes define seus papéis na conferência. Pode ajudar reiterar o relacionamento de cada participante com a vítima ou o ofensor, logo nos primeiros momentos em que se dirigem a eles. Por exemplo: “Vamos falar agora com Bob Reading, treinador de basquetebol de Chris. Sr. Reading, o que o Sr. pensou quando soube do incidente?”

Depois de apresentar os participantes, os facilitadores devem agradecer a cada um por comparecerem e estabelecer o foco da conferência – para explorar como as pessoas foram afetadas pelo incidente e como reparar o dano causado. A descrição do incidente deve ser breve.

“Agradeço a todos vocês por comparecerem. Sei que é difícil para todos, mas sua presença vai nos ajudar a lidar com o assunto que nos reuniu aqui. Esta é uma oportunidade para todos vocês se envolverem na reparação do dano causado”.

“Esta conferência vai focalizar um incidente que aconteceu (mencione a data, local e a natureza da ofensa sem muita elaboração). É importante compreender que vamos focar no que ... (nome do ofensor(es)) fez e como esse comportamento inaceitável afetou os outros. Nós não estamos aqui para decidir se ... (nome do ofensor(es)) é bom ou mau. Queremos explorar de que jeito as pessoas foram afetadas e trabalhar esperançosamente para reparar o dano que resultou. Todos entenderam isso?”

O foco da conferência fala aos participantes do que aconteceu sem prescrever um resultado. Durante a conferência, os facilitadores podem retomar o foco quando os participantes tiverem se afastado dele. Se um participante insulta o ofensor ou usa linguagem degradante ou estigmatizante, o facilitador pode repetir a frase do preâmbulo: “Nós não estamos aqui para decidir se ... (nome do ofensor(es)) é bom ou mau. Queremos explorar de que jeito as pessoas foram afetadas...” Repetir partes do preâmbulo lembra às pessoas do tom pretendido e do propósito da conferência, e permite ao facilitador evitar confronto direto com os participantes. Eles tendem a honrar esse re-direcionamento porque tiveram antes um contato positivo com o facilitador.

Após determinar o foco, os facilitadores devem lembrar aos ofensores, assim como aos outros participantes, que eles têm o direito de sair da conferência. Os ofensores devem reconhecer que se eles saem, o incidente pode ser tratado de maneira diferente, talvez através de um processo judicial ou disciplinar formal.

“... (nome do ofensor(es)) admitiu sua parte no incidente”.

Dizer ao ofensor: **Devo lhe dizer que você não tem que participar desta conferência e é livre para deixá-la a qualquer tempo, assim como todos os outros. Se você se retirar, o assunto será encaminhado ao tribunal/tratado pelo regulamento disciplinar da escola/tratado de outra maneira**".

"Este assunto, entretanto, pode ser encerrado se você participar de modo positivo e cumprir com o acordo feito na conferência".

Dizer ao ofensor: **"Você entendeu?"**

Essa parte do roteiro foi inicialmente adicionada para salvaguardar o direito dos ofensores ao devido processo no sistema de justiça criminal. Os facilitadores podem também pedir aos pais dos ofensores juvenis para conhecerem os direitos de suas crianças também. A frase "assim como todos os outros" foi adicionada mais tarde para esclarecer que todos os participantes têm o direito de sair a qualquer momento.

Além de admitir responsabilidade pela ofensa, espera-se que os ofensores participem da conferência de uma maneira positiva e cumpram os compromissos assumidos na conferência.